SONNE HELJARSKINN



ÆTTARBÓK

O CULTO DOMÉSTICO PARA ALÉM DA ÁSATRÚ

ÆTTARBÓK

Uma introdução ao culto doméstico

Daniel Seaxdēor Falcão
(Sonne Heljarskinn)

Sauilaþiudōs Haírþō

2ª edição, revisada e corrigida
Setembro de 2017

Ef blindr leiðir blindan falla báðir í gryfju.
[Se um cego guia outro cego, ambos caem num abismo.]

Agradeço de maneira mais que especial à Andreia Marques ao me apresentar o mundo do Heathenismo de maneira tão paciente. Agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente tornaram possível este texto, ao compartilharem os seus conhecimentos no assunto. Entre os principais destes estão: Heather O'Brien, Æsc Adams, Lēoht Steren, Erik Lacharity, Austin Laurence, Wōdgār Inguing, Einar Valur Bjarnason Maack, Cesiwr Serith e Eirin T. Shira.

Por último, ao Hvergelmir International como um todo, bem como ao Larhus Fyrnsida, que me ofereceu muitos materiais de pesquisa. Não gostaria de, apesar de parecer quase contraditório para alguns, esquecer a influência que diversos grupos theodistas tiveram no processo de criação deste livreto. Não posso me dizer "dono" do conhecimento aqui compilado, eu apenas estou montando informações de forma a torná-las úteis para quem deseja praticar o paganismo germânico de maneira efetiva na atualidade.

Dedicado aos meus ancestrais e dísir, que me fizeram, teceram minha wyrd e são parte de mim; mas também aos que de mim descenderão e continuaram a trilhar o caminho antigo (forn siðr).

1. Introdução

a. A necessidade do culto doméstico e visão de mundo.

Faltam muitos materiais para quem se interessa por paganismo germânico e fala língua portuguesa. Este pequeno livro de forma alguma conseguirá, por si só, suprir essa carência. Todavia, o objetivo dele é ajudar os iniciantes de alguma forma, como um dia disse Brunnhild Wodensdottir, uma das primeiras pessoas a compartilhar conhecimento sobre o paganismo germânico no Brasil: "É melhor acender uma vela do que praguejar contra a escuridão". Não é de se negar que é triste que de lá para cá a escuridão talvez tenha aumentado, e não diminuído, com exceção dos trabalhos iniciais de Octavio Augusto Okimoto Alves de Carvalho, o Goði Meðal Mikit Stor-Ljón Oddhinssonn, a própria Wodensdottir, Vagner Cruz, e as traduções das Eddas para o português feitas por Márcio Alessandro Moreira, e, sem isso, estaríamos ainda sem nenhuma luz – eu mesmo jamais teria continuado por falta de materiais em língua vernácula.

Passado esse momento inicial de contato com a mitologia, muitos se perguntam (ou não, o que é mais agravante)... E como praticar essa religião, de fato? Por isso, esta obra não se focará em mitos, nem em nenhum tipo de autoajuda como comumente se vê. Não te ensinará a "rezar" para os deuses germânicos. Ela te ajudará a agir e a forjar de fato o laço ("religioso", se assim preferir) com os espíritos que rodeiam uma prática profundamente enraizada no animismo, como o paganismo germânico.

Apenas para clarificar algumas coisas, brevemente: esta obra não é só sobre "paganismo nórdico", "Ásatrú". Tampouco é uma obra que mistura diversas tradições como Wicca, Rodnovery, etc. Apesar disso, sempre que necessário, recorremos aos povos proto-indo-

europeus afim de conseguir traçar paralelos e preencher lacunas, sempre que a prática do paganismo germânico permita, pelas evidências oferecidas. Aqui nesta obra “germânicos” carrega o sentido mais antigo da palavra, designando todo o tronco étnico-linguístico dos germanos e não só os alemães continentais. Por isso, os islandeses, suecos, noruegueses, godos, francos, anglo-saxões, entre outros, todos foram submetidos à análise, e daquilo que eles ofereciam, foi colhido o melhor e montado um esquema “pan-germânico” de prática do culto doméstico, mais conhecido pelo termo inglês *hearth cult*. Todavia a Ásatrú como um todo raramente se limita às fontes nórdicas em sua reconstrução. Admitir que somos “pan-germânicos” é apenas um grau de maturidade intelectual na religião.

Isso não é algo de maneira alguma aleatória e prejudicial. Os povos indo-europeus carregam semelhanças tamanhas entre si, que, com o interesse a análise fria, não apenas um “pega daqui e cola ali”, pode oferecer formas de preencher as tantas lacunas na reconstrução da religião. Já entre os germanos, as similaridades são tamanhas, uma vez que todas as tribos provém do mesmo tronco linguístico-cultural mais recente que o dos indo-europeus. Dessa forma, essa obra evita ser um “faço o que me agrada”, pura e simplesmente, e analisa as fontes e estudos mais atualizados, a partir do método reconstrucionista (Linzie, 2007), visando reconstruir a práxis religiosa. O pagão reconstrucionista é aquele que entende que o tempo não é dividido em passado, presente e futuro, mas que o passado e presente são uma e a mesma coisa e o futuro é aquilo que dele deriva por necessidade. Assim, finca as suas raízes no passado, buscando a fonte de onde a árvore de sua prática religiosa possa nascer. Desvendar o passado tanto quanto possível é sua meta na tentativa de aperfeiçoar sua prática. Experimentar, errar e aprender com o erro ou acerto (seja na prática ou teoria). Buscar fazer as

coisas com as mesmas tecnologias que os antigos, e, pela mimese (repetição de atos e costumes), conseguir enxergar mais o mundo como eles (Linzie, 2007). Comumente reconstrucionistas substituem ideias por outras que comprovam ser mais verdadeiras historicamente falando, uma vez que o passado é o seu guia na reconstrução de sua visão de mundo no presente. Por exemplo, muitos reconstrucionistas já reconhecem que apenas o culto às divindades era algo quase secundário na vida dos antigos povos germânicos, apesar da semelhança que ele possui com as religiões mais atuais. O culto em torno de árvores, pedras, locais de enterro de familiares eram extremamente mais comuns e importantes nas práticas cotidianas dos *ur-heathens*, os antigos pagãos do tempo anterior à conversão.

Os *heathens* antigos são o esqueleto que constantemente recriamos a face na tentativa de aproximar aquilo que somos deles, em respeito às nossas raízes ancestrais. Isso é válido para uma visão de adaptação do reconstrucionismo à vida moderna, bem como a uma tentativa de recriação do passado enquanto tal. Eu, todavia, não acredito que o passado possa ser recuperado de maneira integral, e que a nossa sociedade também possui outras necessidades, que acabam adaptando levemente (menos do que muitos imaginam) a prática cotidiana do paganismo, o tornando uma religião plenamente aplicável cotidianamente e não apenas um fetiche pelo passado que não existe mais.

Comumente ouvimos falar que o paganismo germânico (em especial o nórdico, o seu tronco mais conhecido no Brasil) é uma religião de ação. Todavia isso tem sido nada mais que outra verborragia. Muitas pessoas jamais conseguem formar kindreds por falta de pessoas interessadas ao seu redor, e assim jamais chegam a se sentirem completas em suas práticas. Era assim que eu me sentia até

desenvolver o culto doméstico no meu próprio lar. Iniciar práticas domésticas, e, futuramente, passá-las aos seus descendentes, ressalta o caráter da ortopraxia (religião baseada na ação e não na crença), ao contrário da tendência de definir o paganismo simplesmente como uma “fé” (o que enquadra o paganismo vulgarmente no mesmo lugar que o cristianismo, islamismo e demais religiões coloniais, como “credos”, religiões baseadas na crença).

O que tentaremos ressaltar aqui é a necessidade de se modificar a forma de pensar, ou melhor, de entrar de fato na realidade dos povos germânicos. E para se entender a realidade é necessário entender conceitos, e ver as coisas de forma diferente: é necessário agir diferente. É necessário buscar restaurar a – talvez mais importante – parte do culto dos antigos germanos, que era a chamada “mitologia menor”, que envolvia os cultos aos espíritos mais próximos, e, frequentemente, muito mais efetivos que o simples contato – idealizado – com divindades. É preciso esquecer a ideia – tardia e influenciada pelo cristianismo – de um deus como “pai de todos”, enquanto se aceita a própria cegueira para a realidade intelectual e espiritual dos povos germânicos. Aqui você será convidado a agir e experimentar os resultados ao alterar os seus hábitos e culturas, e não apenas a crer.

b. Animismo e Totemismo. Dividualismo e relacionismo.

Comumente o paganismo germânico é olhado de maneira demasiado “polida”, ou ainda “bestializado” demais. Ambos os extremos são fruto de nossa compreensão cristã-cartesiana da realidade, a qual divide “corpo irracional” de um lado e “mente pensante” do outro (Gearin, 2010).

Dificilmente você encontrará um pagão que consiga escapar disso – e dizer isso não é uma provocação, mas uma triste constatação. Muitos definem o paganismo como "politeísmo", sendo que existem muitas evidências a partir de estudos mais atualizados que demonstram que na verdade ele *henoteísta*, isto é, cada família, tribo ou clã (*ætt*), ou um determinado grupo social ou região, cultuava apenas uma divindade (Gunnell, 2016). Diferentemente dos gregos e romanos, os germanos ainda eram tribais, e assim a divindade era responsável por uma longa área. Há poucos indícios que os escandinavos e germanos em geral reconheceram um "pai de todos" (*allfather*), ou uma divindade apenas e especificamente ligada ao trovão, quem sabe ainda outra ligada exclusivamente à fertilidade, o que configurava um panteão ao estilo greco-romano. Em vez de uma única religião pagã existem fortes indícios que na verdade existiram vários henoteísmos, ou seja um culto a uma divindade específica sem excluir a verdade das demais, já que o culto era focado numa única divindade, mas sem combater os cultos das tribos vizinhas, que se direcionavam a deuses diferentes, assim como, por exemplo, faziam os povos mesopotâmicos. Não veríamos, assim, seguidores de Freyr terem problemas com seguidores de Tyr. Além disso, o paganismo germânico é essencialmente animista. Mas, o que é o animismo?

Basicamente é a crença de que todos os seres, animados ou inanimados, possuem uma alma (do latim *anima*), de que a vida não se manifesta apenas biologicamente da forma como o humano ocidental moderno é capaz de a compreender (Gearin, 2010).

O animismo é o modo de ser e se relacionar com a realidade e não apenas de conhecê-la (Bird-David, 1999). O conceito de "pessoa" não se restringe aos humanos. Existem pessoas-vento, árvores-pessoas, pessoas-pedras e não dividindo essa categoria de pessoas entre humanos vs. não-humanos, mas com as pessoas sendo uma categoria

entre humanos e outros seres.

O termo surgiu na antropologia no século XIX, mas sua aplicação é importantíssima para nós uma vez que permite que tenhamos uma chave para acessar o modo de ver do humano tribal, que é profundamente similar ao dos povos germânicos antes do seu contato com o Ocidente romanizado.

Como veremos melhor no capítulo sobre ancestrais, a alma e o espírito para os germânicos não eram exatamente "pessoais", "individuais". Logo, elas possuíam largos pontos de contatos com outros seres sobrenaturais, o que fazia com que os membros destes povos tivessem uma identidade *dividual*, isto é, que se divide, e não uma identidade *individual*, com o ser humano moderno (Bird-David, 1999). Quando se individua um ser humano, se está consciente dele em si mesmo, uma entidade separada, singular. Quando se dividua se está consciente de como esse ser humano se relaciona conosco (Bird-David, 1999). O antigo tinha consciência da realidade espiritual à sua volta, e de como se relacionar com esses espíritos ou *vættir* (singular *vætt*). Enquanto o ser humano moderno baseia sua existência a partir do ponto de observação cartesiano que diz "penso, logo existo" (em latim, *cogito, ergo sum*), o ser humano tribal a baseia em "me relaciono, logo existo", entendendo que o bem-estar pessoal depende de uma cadeia de relações com a sua comunidade humana, animal, mineral, vegetal e espiritual (Bird-David, 1999).

O Irminsul, o famoso pilar dos saxões, serve como um exemplo, ao ser destruído pelos franceses convertidos ao cristianismo, de como o totemismo também desempenhava seu papel entre os antigos povos, como sinal de união entre os vivos entre si, e entre estes e os mortos que lhes deram origem. Árvores, determinadas pedras, todas elas serviam como pontos de acesso aos seres espirituais, sejam eles *vættir* ou ancestrais. A morte não era algo que separava as pessoas de

maneira definitiva, apenas fazia com que elas tivessem que se relacionar de forma diferente.

O homem tribal antigo, como podemos ver em relatos literários em diversos idiomas germânicos, ou nos resultados de achados arqueológicos, davam profundo significado para a vida, para a morte, e para diversos objetos, pois sentiam o quanto tudo isso estava interligado a si mesmo e à sua comunidade/tribo. Quer saber como começar a aplicar a visão de mundo pagã já? É uma premissa lógica, antes de mais nada. Nossa mente funciona, muitas vezes, com valores binários. Você olha uma pedra e pensa "não-viva". Já a resposta automática do animista é "viva". Ao olhar para uma pedra, uma árvore, faça sua mente se acostumar com a ideia de que ela é viva. Trate-as como algo humano, familiar. Como algo que faz parte de sua essência interior. O animismo é reconhecer que tudo o que não é humano também é uma *pessoa*.

Toda vez que olhar para uma planta, uma pedra, não a veja mais como algo "inanimado". Estabeleça relações com ela. Aproxime-se. Converse. À primeira instância parece loucura... Mas para mim hoje parece loucura alguém se dizer "pagão" e continuar enxergando como vivos apenas aquilo que um cristão enxerga...

Como veremos depois esse tipo de relações com árvores e pedras serão de muita importância na prática, tanto você tendo uma delas em seu quintal quanto não.

c. Hospitalidade. Círculo de Presentes. Thēaw. Siðr.

Podemos ver no *Hávamál*, a hospitalidade, para os antigos era uma necessidade em um mundo menos populoso – não que hoje não seja, mas a sociedade atual criou formas de suplantar tais relações por

outras, comerciais – e que o bom tratamento dos estrangeiros era algo necessário para gerar um círculo de presentes resumidos na frase latina *do ut des*, dou-te para que também me dês; ou seja, eu lhe ajudo aqui para que lá fora eu também receba ajuda. A hospitalidade era necessária para se proteger a si mesmo e aos seus quando se encontra na condição de estrangeiro.

O círculo de presentes, por sua vez, não era apenas externo. Os laços com aqueles mais próximos, eram sempre fortalecidos através dos presentes (outra coisa clara no *Hávamál*), e assim cada um dava presentes e auxiliava aqueles que queria próximos de si – o que não significava agir com destrato para os que não queria em condição semelhante. Isso é outra coisa que as antigos tribos germânicas compartilhavam com as tribos contemporâneas. Mas o círculo de presentes é algo essencial em qualquer comunidade, e pode ser visto ainda de maneira distorcida em datas como natal, dia das mães e páscoa para os cristãos. Para os pagãos isso era algo mais profundo, quando você presenteia alguém, você se doa, se investe nessa pessoa. Essa é uma prova de afeto – desde que observada por ambas as partes – muito mais profunda do que comumente é vista, na qual o outro serve apenas como veículo para satisfação pessoal. A primeira vista presentear parece um ato meramente interesseiro, mas, ao estudarmos o conceito de *friðr* veremos que este não é bem o caso. Você não dá presentes para quem você ama, através dos presentes, você pode amar quem é presenteado.

Thēaw é uma palavra do inglês antigo usada para designar algo como “virtude, costume, código moral, ética”, embora não possa ser definida de maneira precisa por nenhuma dessas palavras. *Thēaw* é aquele meio que leva a tribo a agir como age, visando a *friðr*. É a maneira correta de agir, honrada, respeitosa, e capaz de manter o equilíbrio entre a comunidade na qual o *heathen* está inserido.

Siðr, por sua vez é o conjunto geral de hábitos que fazem os pagãos serem pagãos: sua visão de mundo, seus valores, os seus atos, aquilo que passam de pai para filho, como tipo de alimentos que comem, maneira que falam, maneira de se vestir, deuses a que cultuam, etc. *Thēaw* e *siðr* variavam de tribo para tribo entre os germanos, apesar de carregarem estreitas semelhanças gerais.

Todos esses conceitos estão profundamente interligados com uma maneira profundamente tribal de agir, o que é evidenciado ao comparar os registros históricos, arqueológicos, literários e os comparar as mais recentes pesquisas em povos que ainda vivem sob a maneira de pensar tribal.

d. Ætt: Família, tribo. Innangarðr e Útangarðr. Friðr e Griðr.

Tudo o que falamos no item anterior é profundamente importante e raramente será compreendido imediatamente. O objetivo do paganismo germânico – a despeito do que muitos "místicos" ou pessoas influenciadas pelo espiritualismo "*new age*" gostam – não é simplesmente uma religião de aprimoramento pessoal. Aqui o aprimoramento pessoal é um meio para um fim, agir de forma "superior" é agir de acordo com o *thēaw* de sua tribo/família, em vistas de assegurar a *friðr*, a qual não pode ser alcançada sozinho.

Todavia, se você se interessa por magia germânica (ou pelo menos nórdica) eu encorajo você a submergir sua mente na prática religiosa e na visão de mundo animista germânica, para assim compreender melhor o que estiver fazendo. Principalmente porque, como diz Freud em *Totem e Tabu*, a magia e a feitiçaria nascem ambas no animismo (assim como o xamanismo), pois sua função é manipular os espíritos das coisas, plantas e eventos naturais, ou até animais e

humanos. E apenas manipula os espíritos dos seres quem interage com eles: o animista.

A tribo/família pode ser um agrupamento de pessoas com um objetivo comum como um kindred (no sentido que damos no Brasil a essa palavra), ou ainda a sua própria família em torno do seu lar (*hearth*). Essa obra, apesar de ser desenvolvida para possibilitar a prática no segundo tipo, pode ser usada em kindreds. Independentemente, saiba que a religião, por si só, não oferece laços de parentesco ou irmandade sob o mesmo credo. Não somos irmãos em um deus, mesmo que ele seja pagão (Marques, 2016b). Meus irmãos não são pagãos, minha única irmã é cristã, meus pais são cristãos e isso não me impede de agir com amor e respeito a eles, muito pelo contrário. Eu uso a minha visão de mundo religiosa para cuidar e manter as relações familiares e tribais entre nós. Futuramente serão passadas aos que de mim descenderem, e então sim, poderemos ser uma família *heathen*, de fato. Veja, a religião não tira as pessoas do seu círculo de presentes. Esses laços são forjados por sangue, e por ações. Minha mãe cristã me ajuda mais que a maioria dos "irmãos pagãos". Porque ela é minha mãe de verdade, a despeito de sua religião, e eles não são meus irmãos, a despeito de nossa religião. Então, saiba, a prática pagã não se limita a quem está ligado apenas por laços "religiosos" a você. Ela aplica-se a todos aqueles que possibilitam sua existência. Por que eles são o seu *innangarðr.*

Nos dias dos *heathens* antigos, o *innangarðr* era extremamente ligado ao aspecto material do *hêm*, os cercamentos que estavam delimitando e protegendo a vila dos germanos. Hoje em dia nossos círculos de amizade e parentesco tendem a ficar (muito) menos presos a um espaço geográfico, o que exige uma diferente aplicação do termo, para manter a sua essência. Creio que poucos terão a

possibilidade (ou mesmo o desejo) de morar numa vila afastada e tratar todos os que estão fora do círculo como estranhos.

Isso porque o seu *innangarðr* é compreendido por todas essas pessoas que mantém relações familiares com você (Inguing, 2016). Pessoas pelas quais você daria a sua própria vida, se necessário. Dessa forma, você deve agir cordialmente, ajudando-os, e não apenas tirando deles. O *innangarðr* é o local onde a *friðr* se manifesta. A *friðr* é comumente traduzida como "*peace*" ou paz, mas seu sentido é mais amplo. Ela não é uma mera ausência de conflito interno ou externo (que, aliás, é apenas uma de suas consequências), mas a garantia que as relações entre todos os membros da tribo/família estejam unidos sadiamente (de acordo com a *thēaw*), e todos estão podendo trabalhar, alimentar-se e progredir com sucesso. O deus comumente associado à *friðr* é Freyr (Ingvi, Fro), um deus Van das colheitas e fertilidade. *Friðr* é o momento em que relacionamentos intrafamiliares eram todos colocados em funcionamento "automático", e com automático não digo "frio", quero dizer que tal estado de coisas absorvia a comunidade humana, e a trazia prosperidade.

Todavia, existem limites bem demarcados para que a *friðr* possa acontecer. O *útangarðr* é o local externo à tribo/família, o ambiente selvagem, caótico, do qual não se sabe o que esperar (Inguing, 2016). O *útangarðr* é o que está fora da *thēaw,* é onde os familiares e membros do kindred não podem assegurar o funcionamento da *friðr*, uma vez que as pessoas ali foram podem muito bem não reconhecer a *thēaw* e não manter a ausência de conflito com a comunidade. Mas o que há fora da tribo não é necessariamente encarado como hostil ou inimigo. Também existia o conceito de *griðr*, a "*friðr* de mais de um grupo", isto é, quando comunidades diferentes estabeleciam laços de amizade e cordialidade entre si, garantindo uma rede de

prosperidade entre si.

e. Vættir (wihta), anões e espíritos locais.

O que os *heathens* antigos reconheciam como “entidades” ou “seres” “espirituais” – ou comumente, mas não exclusivamente, não-materiais – eles chamavam de *vættir* em nórdico antigo, ou *wihta*, em inglês antigo (anglo-saxão). São um tipo de seres sobrenaturais, ou talvez a própria essencial “espiritual” da natureza. Como outros povos animistas, havia a ideia de que um *vætt* habitava todos os seres, como dissemos anteriormente, não importa se são reconhecidos por nós humanos modernos como vivos biologicamente ou não. O *vætt* é aquilo que está dentro de todos os seres, e possibilita que possamos nos relacionar com eles através do círculo de presentes, conseguindo sua amizade, nos casos em que isso é possível e vantajoso para ambos.

Os *vættir* são de diversos tipos: gigantes (*jötnar*), elfos (*álfar*), *trolls*, *tomtes* ou *húsvættir* (mais detalhes no capítulo sobre o *genius loci*), anões (*dvergar*) e até mesmo as divindades se encaixam nesta categoria. Além disso existem os *landvættir*, os espíritos de determinada região, que habitam o local originariamente, e podem ser hostis ou amigáveis aos seres humanos a depender das relações que estes desenvolvam com eles. Mais detalhes sobre eles nos capítulos sobre os *landvættir*.

Entre os povos anglo-saxões os *wihta* (*vættir*) de determinados seres materiais eram profundamente respeitados, ao ponto de gerar pontos de culto que foram especialmente combatidos, como: *Stānweorþung* – o culto de pedras *Trēowweorþung* – o culto de árvores; e *Willweorþung* – a adoração de nascentes de água (Inguing, 2016).

Dentre todos os *vættir* independentes um determinado grupo deles desempenha um papel singular: os *dvergar* (anões). Estes seres, muito mais que simples membros da mitologia popular quase perdida, comumente aparecem na mitologia superior como habilidosos ferreiros, ligados ao submundo (subsolo), muitas vezes extremamente gananciosos, em busca de riquezas dos seres humanos, sendo assim um dos tipos de *vættir* mais exemplares de como as relações com o mundo sobrenatural devem ser desenvolvidas: eles podem tanto ser amigos quanto ferrenhos e incansáveis inimigos. Podem ajudar com tudo o que esteja relacionado à artesanato e tecnologia, mas também serem grandes desejosos das riquezas da comunidade humana.

f. Hêmahêto, Hîwiski, e Hêm.

Se até a agora a maioria dos conceitos que vimos eram de origem escandinavo-islandesa, com exceção do anglo-saxão "*thēaw*", esta parte é toda influenciada no reconstrucionismo dos francos (Lacharity, 2014b). Aqui trabalhamos a ideia de que a tradição pagã se desenvolva na prática, na ação, e de maneira hereditária/familiar. Se sua família (atual) não se interessa em participar, tudo bem, mas se se interessa, melhor ainda.

Assim, cada um dos pagãos solitários será o *Hêmahêto* (palavra do franco antigo reconstruído que significa "aquele que comanda a casa"), ou seja, aquele que reconstrói e preserva a visão de mundo e *thēaw/siðr* dentro de seu *innangarðr*, objetivando alcançar a *friðr*. O *Hêmahêto* comumente (mas não obrigatoriamente), será também o pai, ou aquele que traz sustento à família. Todavia, nenhuma separação sexual é essencial, é apenas uma conjectura com base na atual organização social familiar em nossa sociedade moderna. O

Hêmahêto não é uma espécie de sacerdote ou marajá que apenas manda e tem uma autoridade inquestionável sobre os demais membros da família ou kindred (Lacharity, 2014b). Sua função é muito mais a de um *skald*, pesquisando e reavivando a tradição, costumes e histórias ancestrais. Mulheres e filhos de família cristã (assim como eu), podem muito bem ser o *Hêmahêto* de seu *hîwiski/hearth*, ou seja, do seu lar. O seu lar é muito mais que uma construção humana, ele é uma entidade viva que protege e mantém unida a sua família. Tratá-lo como sagrado é essencial para um pagão. O ponto mais próximo a você no seu *innangarðr*, as pessoas mais importantes para a sua vida estão no seu lar.

Já o *hêm* é a parte exterior mais imediata à sua casa (Lacharity, 2014b). Seu terreiro, quintal, ou seu condomínio. Nele está o segundo nível de pessoas e espíritos com os quais você pode ter contato. No caso dos condomínios o *hêm* será compartilhado, mas para outros será um espaço ainda plenamente familiar. Partindo de você, passando pelo seu *hîwiski/hearth* até chegar ao seu *hêm*, você será o responsável de manter a *friðr* e contato com a comunidade espiritual. Já no seu *útangarðr*, você será aquele responsável por manter o equilíbrio entre os que estão se relacionando com você e os que não.

2. Ancestrais

a. O "espírito" heathen antigo. Hamingja. Fylgja. Ættarfylgja.

Ur-heathen é como nos referimos aos antigos povos *heathens* germânicos, um termo que significa os "pagãos primordiais". Para eles, como dissemos anteriormente, não existia a noção de um espírito unificado e individual, que chegou a eles com o cristianismo e foi reforçado pelo cartesianismo moderno (como sabemos, a

palavra em nórdico antigo *sál,* cognata do inglês moderno *soul*, só foi conhecida a partir da introdução do elemento judaico-cristão entre as tribos germânicas) (Sanmark, 2017).

O espírito, para eles, era composto de várias camadas que se sobrepunham, mais ou menos como grupos matemáticos: havia um ponto (a realidade humana) onde todos se encontravam, mas eles próprios transitavam e atingiam outros pontos. Todas essas partes eram como que vários *vættir* que, ao se encontrarem e se unirem, possibilitavam tanto a existência quanto a singularidade de cada ser humano. Não procederei aqui uma análise profunda do conceito de espírito para eles, apenas mencionando algumas noções centrais. A *hamingja* era a "sorte" do indivíduo, mas que era compartilhada com a família. Era a capacidade – herdada, inata ou adquirida – de conseguir prosperar na vida pessoal e cotidiana, e assim, influenciava a sorte coletiva da sua tribo. *Fylgja*, por sua vez, era o "acompanhante" animal espiritual de uma pessoa, única para toda a vida (favor, não confundir com o animal de poder xamânico, ambos são seres diferentes), uma vez que a *fylgja* era a parte animal e mais "instintiva", talvez até mesmo violenta do ser humano. *Hugr* e *munr*, memória e reflexão, eram as partes mais "pessoais" ou "individuais" da alma, além do *óðr,* o ponto de fúria, inspiração, loucura, e êxtase da alma humana. Por fim, existem o *orthanc,* a herança familiar compartilhada por todos, vivos e mortos, aquilo que nos une ao passado e ao futuro de nossa família, comumente passada através do sangue, mas também compartilhada com os que são adotados por uma família, e a *ættarfylgja,* o espírito que acompanhava toda a família. Esses são, sem dúvida, nosso maior ponto de contato com nossos ancestrais. Há também o *önd*, ar que nos anima. *Hamr* é a forma, e podia se transformar em diversas aparências diferentes. Por fim há o *líkr*, o corpo material.

Enquanto a *fylgja* encerra-se com o humano (ou separa-se dele após sua morte), a *ættarfylgja* permanece em toda uma linhagem, zelando e mantendo ela. O *orthanc* é o próprio espírito da sua família, aquilo que mantém todos os seus elos unidos, mesmo quando não os conheçamos conscientemente.

Entre os antigos os antropólogos geralmente admitem que eles reconhecem duas partes do espírito (Sanmark, 2017): uma chamada de "espírito livre" ou "espírito onírico", que permanecia ligado ao consciente quando acordado, e ao inconsciente no sono, Ele permanecia no corpo até que ele fosse completamente desfeito (daí a necessidade de enterrar os familiares próximos), e outro chamado "espírito de respiração" ou "espírito corporal", que deixava o corpo com o último suspiro, a morte.

b. Ancestrais, álfar, dísir/matronae, nornir, e deuses tribais.

Quando uma pessoa morre, em geral nos entristecemos, se era próxima a nós, pois dessa forma o laço se rompe, e perdemos ela para sempre, ou até o fim de nossas vidas, segundo as visões mais comuns de pós-morte.

Para nós *heathens*, não é bem assim: seus ancestrais estão em sua carne, seu sangue, seus pensamentos, na língua que você fala, na forma que você vê o mundo. Seus ancestrais nunca se foram completamente. Carregamos em nosso ser todo o esforço de todos aqueles que surgiram antes de nós e nos deram origem, desde a primeira bactéria, planta, réptil, primata até o que somos hoje. Para os *heathens* antigos, era comum manter os parentes enterrados próximos, na própria *hêm*, para assim poder manter os laços mais fortes com eles, e assegurar fertilidade e bem-estar para vivos e mortos, uma vez que as duas comunidades eram interdependentes e realizavam trocas mútuas.

Para nós que não podemos muitas vezes ter isso, ainda, é interessante carregar um pouco da terra onde eles estão enterrados (se isso for possível), e a derramar nos quatro cantos do quintal, ou, talvez, mantê-las em saquinhos/frascos nos quatro cantos de seu apartamento – ou talvez até mesmo em um, a depender do quanto escondido você tenha de realizar o culto.

Segundo pesquisas mais recentes, os ancestrais masculinos muitas vezes podiam ser identificados como *álfar* (elfos), sendo assim um par com as *dísir*, as mulheres anciãs de um *ætt* (família, tribo ou clã) (Turville-Petre 1964; Ellis, 1968). Sem dúvida esses dois tipos de espíritos ancestrais desempenharam um papel central no culto cotidiano, e eram profundamente reverenciados pelos *heathens* antigos. Justamente o caráter popular dessa crença – não associado tão diretamente à cultura letrada tardia, nem similar ao culto das divindades que permitia sua identificação pelos compiladores cristãos, como Sturluson – é que fez com que ele fosse praticamente esquecido. Todavia, documentos da Igreja Católica com proibições a cultos de montes, pedras e árvores (pontos de contatos com *álfar* e *dísir*), além de tardias imagens continentais das *matronae*, cujo culto em especial se evidenciou na parte continental da Germânia próxima ao que hoje é a Alemanha, às margens do Reno, com figuras em pedras que, a despeito de serem gravadas em arte e língua romana, evidenciam claramente influência de práticas tribais celtas ou germânicas (Garman, 2007). Muitas vezes a simbologia das *matronae* se assemelha também às *nornir*, tecelãs do destino segundo os islandeses, e estas últimas também com as *dísir,* que teciam os destinos dos recém-nascidos de cada *ætt.*

c. Elementos do altar.

Sugiro que em seu altar interno (que detalharemos depois), você deixe objetos que seus falecidos antepassados gostavam, fotos deles, coisas que o liguem a essas pessoas (Marques, 2016). Monte sua árvore genealógica, anote histórias de sua família e mantenha isso no seu altar, criando assim um local físico para que sua *ættarfylgja* seja fortalecida. Existem três abordagens básicas para o culto ancestral: (1) *Abordagem Idealizada dos Ancestrais*: O culto geral, feito aos heróis dos germânicos (para aqueles com tal ascendência), retratados em sagas e histórias míticas. (2) *Abordagem de Identidade Cultural*: Nesse caso, tenta-se recuperar e reviver, ou mesmo preservar as tradições do povo específico do qual se descende. Como comer comidas típicas da região de seus ancestrais, ter elementos decorativos, por exemplo, de alemães, para um descendente de alemães, ou suecos, para quem tem tal descendência. (3) *Abordagem de Ancestrais Pessoais*: Por último, mas não menos importante, o culto aos ancestrais dos quais se descende diretamente, através da recomposição de árvores genealógicas, preservação de memórias como músicas, escritos, ou atos dos ancestrais. Tem uma importância enorme, e visa a manutenção do elo, que, segundo muitos heathens, não se rompe entre vivos e mortos quando alguns morrem.

d. Ritos.

Uma vez por semana ou por mês, você pode se reunir com todos da sua família que compartilham dos seus costumes (ou sozinho, como creio que seja a maioria dos casos), fazer a limpeza do ambiente com o incenso, como descrito adiante, ao explicarmos as ofertas aos espíritos da casa, afastando os maus espíritos, acender a chama do altar, tocar algum instrumento de sopro ou cantar alguma canção específica para despertar sua atenção, chamar seus ancestrais pelo nome, e então, em conjunto com todos, ou sozinho, entoar o

seguinte discurso (que é apenas um exemplo, e pode ser substituído ou alterado por aquilo que você ache melhor):

Voltando e voltando
Ao tempo de nossos Antepassados
Nós chamamos vocês:
Dísir que tecem nosso wyrd ao nascer
Álfar que proporcionam nossa prosperidade
Aqui nós estamos.
A família continua
E se junta com outras
Na tecelagem que faz o Povo.
Nós não brotamos do nada
Nós não somos nem o começo nem o fim da corrente:
Somos fruto de teu orthanc, tua herança.
Vocês que existiram antes de nós
Sejam felizes por nós.
Vocês estão aqui entre nós.
Nós não vivemos nossas vidas separadamente de vocês.
Nós não nos esquecemos de vocês.
Vejam, vamos manter suas imagens em um lugar de honra:
Em nossos santuários e em nossos corações.
Não vamos esquecer vocês.
Não se esqueçam de nós.
Cuidem de nós como cuidamos de suas memórias.
Mantenham-nos seguros, assim como mantemos a vocês.
[Desenvolvido com base em Serith (2009), mas adaptado]

Ao terminar, se você acende uma vela especificamente para os ancestrais, deixe-a acesa por mais uma hora, pelo menos, após

despedir-se de seus ancestrais e voltar às atividades rotineiras.

e. Vargar: Sobre ancestrais não honoráveis.

Uma dúvida recorrente aos iniciantes no culto ancestral é: eu devo honrar *todos* os meus ancestrais? Mas e aqueles que não eram boa gente, que não faziam atitudes honradas? Mas e aqueles que causaram problemas, discórdia, etc.? A resposta para isso é bem simples: o culto ancestral é um método para se alcançar a *friðr* familiar ou de um grupo de pessoas. No passado, aqueles que não se faziam suficientemente bons, e que, aliás, atrapalhavam o desenvolvimento da família eram banidos, colocados em *outlawry*, isto é, fora da lei. Ao ser excluído do *innangarðr* tribal uma pessoa poderia ser morta por qualquer um, da tribo ou de fora dela, sem nenhuma preocupação e sem mais problemas. Um fora-da-lei era uma pessoa nada romantizada (como nos filmes de velho oeste estadunidenses), era alguém que havia sido tornado um *vargr*, um “lobo”, alguém encarado como potencial inimigo, não como potencial amigo. Ser colocado na posição de *vargr* era quase tão drástico quanto a pena de morte, e talvez até pior.

Então a pergunta que devemos nos fazer é a seguinte: esta pessoa seria ruim o suficiente para ter sido expulsa de meu *ætt*, ter sido colocada na posição de um *vargr*? Se a resposta for afirmativa é claro que você não deve manter um laço com essa pessoa. Se a resposta for negativa, mas foi uma pessoa “problemática”, individualista, que não se importava com a família, no seu entender, você pode simplesmente não honrá-la como ancestral, mas também não a excluir de suas genealogias pessoais, etc. Ela será simplesmente uma pessoa “neutra”, o que também não é exatamente ruim.

f. Ofertas.

Esse tipo de ofertas é bem simples. O que sua avó gostava de comer, de beber? e de ouvir? Que canções a emocionavam, que histórias ela gostava de ouvir? o que tocava no fundo do coração daquele tio ou tia querida? Do seu pai, da sua mãe? É essa a oferta ideal para ser deixada, ou o ato para ser feito em frente ao túmulo do ancestral, no seu altar, pensando nele. Essa é uma prática que tem muita força. Arrisque fazê-la e você sentirá o quanto a ligação de você e eles se fortalece... e quanto sua vida é capaz de mudar.

3. Genius Loci, Numen, Tomte

a. Definição.

O culto aos espíritos caseiros é algo praticamente visto em todos os povos indo-europeus. Os mais conhecidos são os *lares* gregos, o *genius loci* romano, *Tonttu* (Finlândia), *Leprechaun* (Irlanda), *Brownie* (Escócia), *Domovoi* (Folclore Eslavo), e entre os germanos: *Nisse* (Noruega e Dinamarca), *Tomte* (Suécia), *Kabouter* (Países Baixos), *Kobold* (Alemanha), *Hob* (Inglaterra). Também conhecidos como *húsvættir*.

O espírito caseiro é essencialmente a parte central de nosso *innangarðr* e nosso *hîwiski*. É o protetor do nosso lar. Era comumente visto entre os povos *heathens* antigos germânicos como um ser de baixa estatura, com barba, e que tinha um humor que dependia da forma como os seres humanos da habitação se relacionavam com ele. Se bem tratado podia ajudar a encontrar objetos, curando animais, organizar a vida humana doméstica, mesmo a tornar o ambiente

mais "habitável" e aconchegante. Todavia, como qualquer humano, ao ser destratado, podia derrubar objetos, escondê-los fazer barulhos, etc. Eram certamente, junto dos ancestrais, sejam como *álfar* ou *dísir*, mais importantes na vida cotidiana que as divindades superiores, sejam um dos *Æsir* ou dos *Vanir.*

Pensava-se, por vezes, que eles habitavam dentro das lareiras ou uma pedra especial dentro de casa. Outras vezes, eles foram descritos morando em pedras ou colinas ao redor da propriedade ou em celeiros com o gado. Ao contrário de outras criaturas ou *álfar*, eles não eram limitados a um local em si, mas em vez disso se apegaram a uma casa em particular. Alguns poderiam ficar com uma propriedade particular, enquanto outros seguiam uma linha familiar onde quer que fossem. Eles são geralmente ligados de maneira especial aos animais. Cavalos normalmente recebem atenção extra, muitas vezes tendo suas crinas e caudas trançadas em padrões estranhos por esses espíritos.

Eles ficam muito felizes ao terem um papel a desenvolver, sendo lembrados e cuidados, e ao serem devidamente pagos por isso (Chrisholm & Flowers, 1996). Eu por minha própria experiência posso comprovar isso. Quando você os presenteia, você é presenteado. Você sentirá.

b. Estrutura física de culto. Como se relacionar.

Tenha em seu altar para o espírito do lar:

Recelfæt: objeto para conter o incenso (incensário);

Recel: incenso (lembrando que este pode ser natural, feito de ervas e não apenas o incenso "tradicional" usado por hindus).

Léohtfæt: vela ou lâmpada a óleo ou querosene, por exemplo.

Caso você não tenha uma casa para o seu espírito do lar, você pode ter um *godgield*, uma pequena estátua antropomórfica de seu *tomte*. No *Sauilaþiudōs Haírþō* uso um osso de animal com o nome do meu *hîwiski* entalhado em runas do *elder futhark*.

Como um bom amigo, o espírito do seu lar, o *genius loci* ou *tomte*, merece um espaço dentro da sua casa. Preferencialmente o cômodo mais movimentado da casa, onde o fluxo e permanência de todos os membros ocorra com maior frequência. Ali você pode construir para ele uma casinha pequena (menor que 30 centímetros de largura, se quiser) com madeira ou adquirir em gesso ou porcelana, o que, aliás, serve como um ótimo elemento decorativo e não chama a atenção, caso você não deixe as ofertas para ele ali mesmo, à vista. Na necessidade de um culto mais oculto, colocar a casinha e oferendas no seu próprio quarto (caso você saiba lidar com formigas caseiras, colocando o prato com a oferta dentro de um um pouco maior, com água, criando um forte para as formigas não atormentarem a sua vida). Tem dado certo dessa maneira para mim, e eu tenho uma necessidade, por enquanto, bem alta de ocultar os elementos do meu culto doméstico.

Você pode deixar outros presentes para ele, como um espaço próprio para ele, com algumas lembrancinhas e acessórios, uma bandeira, uma caneca (útil também para as ofertas), essas coisas. Essas criaturinhas podem ser bem dóceis como um vovô.

O fogo da cozinha, como o forno, é outro local estratégico para se manter diversos espíritos, em especial o do lar (Crisholm & Flowers, 1996). A depender do seu interesse em outros povos indo-europeus, talvez você queira cultuar uma divindade específica do seu lar, associada ao fogo, além do próprio *tomte*. Ele pode assumir tanto a

função de espírito da propriedade/casa/família que a habita, quanto um mero guardião e curandeiro, a serviço da família e divindade do (fogo do) lar. Manter uma chama acesa sem apagá-la, após acender em uma data especial (como Solstício de Verão, por exemplo), ou alguma data especial para você e sua família, apesar de menos discreto, é a prática mais aconselhável.

Entre os antigos o fogo era o centro da vida doméstica (Chrisholm & Flowers, 1996), e a vida doméstica, o centro da vida religiosa e social. O fogo tinha uma função importantíssima representando a união e proteção do lar em tempos de inverno severo, principalmente.

Todavia, caso a necessidade de discrição do seu culto seja maior, mantenha uma vela ou candeeiro para acender (preferencialmente com fósforos, jamais chamas mecânicas quando for realizar seus cultos e ritos. Você pode ter uma chama permanente em sua cozinha, e uma chama para acender nos seus ritos no altar, caso você não possa desenvolver toda a prática religiosa em torno do local onde é produzido fogo na sua casa. Lembre-se: o espírito do seu lar é parte de seu *innangarðr,* e, como tal, pode ser tratado de maneira mais afetuosa próxima e com menos formalidades.

c. Ofertas.

Acenda a chama do seu altar (se ela não já estiver acesa), e se você optar por usar um incenso, recite o seguinte, sempre que quiser aproximar o espírito caseiro para uma oferta:

Espalhe-se, espalhe-se fumaça e perfume. Brasas tornam-se brilhantes, queimem, queimem, inflamem e soprem, a tocha torna-se fogo. Fogo, fogo, mande para longe o mal, traga friðr e conforto.

Além da própria chama do lar, para as ofertas, leite, cerveja, bolo, torradas com manteiga, queijo, pão, frutas, podem ser um ótimo começo para se estabelecer uma relação. Como toda prática, deve ser testada por tentativa e erro, quando você sentir que algo não deu muito certo, tente algo diferente, e repita aquilo que perceber que foi bom (Linzie, 2007). Aqui como no culto aos *landvættir* não existe receita de bolo pronta, apenas ideias gerais.

Antes de deixar a oferta você pode recitar as seguintes palavras:

Guardião do lar, nosso amigo, nós te trazemos sua parte do que colhemos. Nós agradecemos a você.

A frequência das ofertas fica a seu encargo, e de sua relação com o espírito de seu lar; todavia, eu aconselharia uma vez por semana ou mês, ou então quando você sentir que deve fazer.

4. Culto outdoor: Landvættir

a. Definição.

Assim como no culto do *húsvætt*, aqui você sentirá uma coisa: o conhecimento é em grande parte experimental. Os *landvættir* têm poucas definições seguras, a maioria delas é construída pessoalmente, durante sua relação com eeles. Interagir com eles é essencial, e para isso damos ideias gerais a seguir, mas nada substitui a prática.

Os *landvættir* são os espíritos e criaturas da terra. Podem ser grandes como cidades, um vale, ou uma montanha (nesse caso são conhecidos muitas vezes como *jötnar*). São os próprios espíritos da terra vivendo por si mesmos, e compartilhamos todos os momentos

de nossas vidas com eles (Odinsson, 2014). Na forma de árvores, foram profundamente reverenciados (Lacharity, 2014a). Eles são os moradores primordiais em nossas localidades, e sua origem é profundamente local. Ao contrário do que foi dito anteriormente (Chrisholm & Flowers, 1996), os *landvættir* não foram "carregados" pelos germanos em suas viagens; antes eles se relacionavam com os espíritos dos locais em que chegavam (Heljarskinn, 2016). Um exemplo disso era o próprio dragão na proa dos barcos dos *víkingar*, os quais tinham como função espantar os *landvættir* dos atacados, e, portanto, o primeiro ataque destes guerreiros era mágico, não físico, em vista de enfraquecer os opositores (A Heathen Thing, 2017). Os *landvættir* das terras da América, por exemplo, são em sua maioria espíritos indígenas, de ancestrais primordiais que mantiveram uma forte ligação com a terra em que estão, ou entidades poderosas. Os *landvættir* do local em que você está são essencialmente parte do *útangarðr*. Todavia, com a correta maneira de tratamento, muitos deles (mas não todos) podem se "aproximar" de você e até mesmo ser amigos.

Um *níðstöng* é uma maldição feita com uma cabeça de cavalo de forma a enfraquecer os *landvættir* de determinado local, para tirar a sorte e prosperidade de seus habitantes.

Não necessariamente eles compreendem nossas leis, não necessariamente eles são bem-intencionados (nem malevolentes), mas com calma, e os presentes corretos, uma relação de ajuda-mútua entre você e eles pode ser estabelecida. Eles são os vizinhos que tudo veem e tudo sabem, e raramente são vistos.

Além dos *landvættir* mais desconhecidos, existem aqueles que são literalmente *dvergar*, *álfar*, *jötnar,* etc. Sobre estes já falamos anteriormente. Sobre os *jötnar* e *trolls* mais especificamente em geral eles são objetos de respeito, de ofertas singelas (em sinal de paz),

mas raramente (e eu diria apenas modernamente) objetos de culto. Um *jötun* ou um *troll* pode facilmente perder o controle e agir de maneira destrutiva, não por falta de caráter ou por ser uma espécie de "demônio", simplesmente por instinto e selvageria autodefensiva. *Landvættir* especialmente poderosos são reconhecidos habitando montanhas ou árvores muito antigas e nascentes de água, como rios.

b. Estrutura física.

Se você possui um quintal próprio, considere apenas deixar as ofertas ao pé de uma árvore ou em uma pedra (por exemplo, eu uso uma pedra de menos de 40 centímetros para tal). Como moro em zona rural, cubro as ofertas vegetais com palha, mas elas também poderiam ser enterradas após um período de 24 horas. Se você mora no condomínio, considere deixar frutas e comidas não tão processadas (para não chamar a atenção), junto dos jardins do local.

c. Como se relacionar.

Antes de mais nada, e isso pode não ser fácil, a depender da tradição de sua família (caso ela seja rural): exclua produtos químicos do trato da terra. Isso não é negociável. Não estamos aqui querendo fazer proselitismo ecologista ou nada assim. *Todavia*, é inegável que produtos químicos prejudicam a vida material e espiritual da terra. Da mesma forma que fazem com a vida humana e animal.

Segundo ponto: lembre-se de ter cuidado. Você não está mantendo relações com amigos em suas primeiras oferendas. Mas verdadeiramente *domando* o exterior e fazendo novas amizades espirituais. Então, apenas preste atenção para banir os *landvættir*

negativos e agradar os que se mostrarem gentis.

Terceiro ponto: você não é dono dos espíritos na sua terra. Por mais que nos papeis da sociedade sua família possa ser proprietária nominal da terra, na realidade a coisa é o exato oposto. Trate tudo à sua volta com respeito e humildade.

Caso você more numa cidade ou grande metrópole, considere fazer – discretamente – de uma praça ou local arborizado o local para suas ofertas aos *landvættir.* Todavia, se não se sentir bem – ou não sentir as forças dos espíritos locais, que podem ter sido dissipados no processo de industrialização e urbanização, considere também em manter apenas o culto interno, ao seu *genius loci.*

d. Ofertas.

Ofertas para os *landvættir* podem variar *muito*. Tente descobrir a história do seu lugar. Que tipo de populações habitaram aí historicamente? O que esses povos gostavam? Além disso, frutas e alimentos pouco processados, muitas vezes também são ótimas ofertas. A depender da data e do clima, você pode sentir que algum tipo de bebida local (como a cachaça, no Brasil), pode ser uma ótima pedida. Em geral, apenas deixe a oferta, diferentemente dos espíritos caseiros, apenas uma invocação sonora com algum instrumento como uma flauta, berrante ou gaita, ou mesmo um chamamento (verbal) dos *landvættir* pode servir muito bem para conseguir a atenção deles, e então apenas deixe a oferta e se vá. Quem a quiser, a pegará. E quem a pegar, se gostar dela, se lembrará bem de você e poderá ser um ótimo aliado na vida... mesmo quando você não o ver poderá sentir que está sendo ajudado ou ajudada.

5. O ponto de conexão entre os espíritos e humanos

a. Altar, hörg e Vé. Estrutura física e elementos.

Agora que já falamos tanto da mentalidade que temos que desenvolver ao nos aproximar dos *vættir* dos mais diversos tipos, quanto deles em si mesmos e da relação que temos que ter com eles, vamos à parte final desse processo de interação com os espíritos: os locais de culto propriamente ditos.

Como vimos, é um pouco difícil mencionar uma parte sem mencionar as anteriores, e na verdade as várias matérias pertinentes a um culto efetivo aos *vættir* acabam se misturando quando tentamos explica-las de maneira mais ou menos sistematizada.

Se você mora num apartamento ou outro tipo de habitação urbana, provavelmente terá apenas um ou dois altares internos, no máximo. Dificilmente você terá oportunidade de ter um altar pessoal ou coletivo em espaço aberto. Isso não impede que você gere uma separação e sacralização de um determinado espaço externo para seu uso ritual. Falaremos disso um pouco melhor adiante.

Então, vamos nos concentrar primeiramente no altar interno. Supondo que você não possa deixar seu culto muito às vistas e nem tenha um espaço externo (a condição de criptoculto, da qual a maioria dos *heathens* estarão dependentes), eu posso sugerir o seguinte: uma mesa pequena, ou sobre uma cômoda, qualquer móvel que deixe a estrutura principal do altar mais ou menos entre a altura da sua cintura e seu busto. Ali, como já mencionamos, você pode deixar imagens de membros da sua família, um ídolo representando o seu *tomte*, ou uma casinha com o mesmo objetivo. Uma vasilha para se derramar as bebidas oferecidas a eles, e talvez outra para o alimento, a depender da frequência das ofertas que se faça. Mais

detalhes já foram dados nos capítulos anteriores. A ideia principal é: o altar é um ponto de conexão com os espíritos e ancestrais. Se possível, faça um espaço separado só para as divindades. Tenha um altar "tribal", um que represente o aspecto mais imediato da sua vida e ao mesmo tempo o ligue à sua herança étnica e familiar (seja ela qual for). Se o altar é o ponto de conexão com esses tipo de entidades, tenha a noção de que menos é mais. Reduza, se possível, o número de elementos no seu altar ao máximo possível para que sua mente possa associar visualmente os elementos e ativar as chaves psicológicas e espirituais necessárias. Caso você realmente sinta que precisa de mais coisas, adicione, mas sempre com prudência. E considere também de remover coisas quando não for a época correta ou quando elas já tiverem cumprido sua função.

Um outro princípio vale tanto para o altar interno quanto o externo: evite entrar no espaço separado (nem que seja separado mentalmente, sem divisórias claras) sem um propósito. Associe a entrada no espaço do altar como algo sagrado, para que ele possa se tornar um ato mais forte. O espaço sagrado deve ser capaz de te transportar mental e espiritualmente ao tempo mítico e sagrado. Deve ser capaz de transportar a(s) pessoa(s) dentro dele para o "mundo dos deuses e espíritos", o "mundo mítico".

Assim, no caso do culto externo, geralmente ele fica delimitado dentro de um *vé* (*weoh* em inglês antigo). Ambas essas palavras ligam-se ao proto-germânico **wîh-*, que significa "sagrado" (tanto como *holy* quanto como *sacred*) (Lacharity & Lawrence, 2017). O *vé* geralmente é delimitado por troncos erguidos ou pedras, criando um espaço (em geral circular) interno ao ar livre. Entrar nele é um ato sagrado, como dissemos acima.

Dentro do *vé*, junto das imagens de deuses, geralmente há um altar rústico feito de pedras empilhadas chamado de *hörg*. Nesse local

podem ser deixadas as ofertas, tanto para ancestrais, deuses quanto para os espíritos locais. Você também pode construir um *hörg* exclusivamente para deixar ofertas aos *landvættir*. Nesse caso, ele funciona da mesma forma que a pedra que citamos no item anterior (a própria pedra pode ser considerada um *hörg* a depender da relação que exista entre você e ela).

b. Indoor vs. Outdoor

Um aspecto importante é que o culto interno (*indoor*) em geral é mais restrito à família e práticas com uma frequência maior que os cultos externos (*outdoor*). Por exemplo, o grande evento em Uppsala que reunia seguidores de Óðinn, Freyr e Þórr acontecia apenas a cada nove anos. Já as oferendas e sacrifícios locais aconteciam em intervalos bem menores, várias vezes por ano.

Em geral os cultos *outdoor* são eventos que reúnem diversas pessoas de diversas origens. Obviamente eles são importantes. Mas se você entendeu *bem* o objetivo desta obra percebeu que ela não trata de grandes eventos nem de nada extremamente complexo e amplo, mas de práticas comuns, pequenas, que, pela repetição, causam profundas mudanças na nossa forma de ver e interagir com as diversas realidades e seres à nossa volta. O culto *outdoor* tem sim *muita* importância. Mas o culto *indoor* está num estágio profundo de urgência em nosso tempo.

c. Como agir.

Dentro do espaço sagrado existem três tipos de atitudes que podem ser consideradas básicas (Lacharity & Lawrence, 2017): honrar

apenas aos Æsir e seus aliados (Vanir, espíritos, seus ancestrais, antigos heróis pagãos, etc.); manter a *friðr*, a paz, e as boas relações com todos os que estão dentro deste espaço, preservando a ausência de conflito; manter a limpeza sagrada, não deixando nenhuma espécie de excremento, dejeto ou excreção corporal contaminar o espaço.

Dentro do espaço sagrado todas as intrigas, devem ser postas de lado, e o objetivo comum de todos deve ser preservado. Jogos de poder e birras devem ser "pausadas". Deve-se manter o respeito por ancestrais, heróis e deuses (Lacharity & Lawrence, 2017; Lord, 1999).

d. Purificação.

Como citado no item anterior, a limpeza é essencial. Antes de começar qualquer rito, principalmente se você for o *Hêmahêto* tome um banho ou pelo menos lave as mãos e rosto. Tente manter as impurezas psicológicas distantes.

e. Ofertas.

Por outro lado, a limpeza das ofertas também é essencial. Nunca dê restos aos deuses, espíritos ou ancestrais. Nunca ofereça ofertas em estado de decomposição, azedas, ou impróprias para consumo. Lembre-se, você dá aquilo que você quer de volta, de quem você quer de volta: *Gjöf æ til gjalda* – um presente sempre visa o retorno. Você compartilha daquilo que é seu e se investe nessa relação para que ela lhe retorne algo. Desnecessário falar, isso não é caridade em nenhum sentido. A caridade é um presente sem necessidade de pagamento; o círculo de presentes tribal é o oposto disso. Então, se você quer

manter uma relação saudável, faça atos saudáveis.

Considere também levar suas ofertas ao pé de uma árvore, em um local aberto e afastado, tendo o cuidado de se afeiçoar ao *vætt* que nela habita. Os antigos francos, tinham uma ligação forte com as árvores, sendo que para eles, ao reunirem-se em uma determinada árvore como ponto de conexão: A árvore é divina, festas acontecem ao redor dela, a comida é compartilhada com ela, a árvore tem poderes curativos e em geral não é de variedade cultivada (Lacharity, 2014a). Como podemos ver, o animismo estava profundamente enraizado nesses povos. Assim, caso você não tenha um terreno ou quintal, uma árvore específica com a qual você desenvolva uma relação poderosa, pode servir como ponto onde você descarta suas ofertas para se decomporem, adubando-a. Considere, por fim, cultivar ao menos uma planta indoor para que possa eventualmente aprender melhor a estabelecer laços animistas com os outros seres e espíritos. As plantas e árvores, ao exemplo de Yggdrasil, estão literalmente no centro da prática pagã dos *heathens* antigos.

f. Nomeação do hearth (lar, hêm)

Nomear é um ato de dar vida, de reconhecer a vida. Na mitologia éddica é comum ver objetos de grande importância, armas, jóias, correntes, etc, todos serem nomeados. O mesmo vale para o nosso lar. Escolha um nome que represente o espírito de seu *ætt*, e, assim como nós no *Sauilaþiudōs Haírþō* compartilhe suas experiências, vamos discutir e tornar o culto doméstico, o paganismo germânico de maneira geral, mais conhecido, mais respeitado, e nos ajudar mutuamente com conhecimento! Nós do *Sauilaþiudōs Haírþō* ficaremos imensamente felizes em vermos *hearths* independentes

surgindo, e nos ensinando, com suas práticas!

***

Desnecessário dizer, mas só para garantir: este não é o único método de se fazer as coisas. Embora muitos pontos aqui sejam essenciais (como o animismo), cada um possui, obviamente, a liberdade de desenvolver seu culto doméstico da maneira que lhe for mais propícia, dentro dos paradigmas religiosos (sim, eles existem) germânicos.

BIBLIOGRAFIA

A HEATHEN THING. 2017*. *Internet site of A Heathen Thing*.

CHRISHOLM, James Allen & FLOWERS, Stephen. 1996. *True Hearth: a Practical Guide to Traditional Household*.

BIRD-DAVID, Nurit. 1999. *"Animism" Revisited: Personhood, Environment, and Relational Epistemology*.

ELLIS, Hilda Roderick. 1968. *Road to Hel: A study of the conceptions of the Dead in Old Norse literature.*

GARMAN, Alex G. 2007. *Survivals of the Cult of the Matronae into the Early Middle Ages and Beyond.*

GEARIN, Alex. 2010. *Animism, shamanism and discarnate perspectives.*

GUNNEL, Terry. 2016. *Pantheon? What Pantheon?*

HELJARSKINN, Sonne. 2016. *Entre elfos e ancestrais: um estudo sobre os álfar através da literatura e cultura germânicas.*

LACHARITY, Erik. 2014a. *Tree Cults in Frankish Heathenry.*

________________. 2014b. *The roles and responsabilities of Hêmahêto.*

LACHARITY, Erik; LAWRENCE, Austin. 2017*. *The Vé.*

LINZIE, Bill. 2007. *Reconstrucionisms Role in Modern Heathenry.*

LORD, Gárman. 1999. *The way of the heathen: a handbook of greater Theodism*.

MARQUES, Andreia. 2016. *A morte e depois dela: o culto ancestral*.

_________________. 2016b. *Virtudes, visão de mundo e Ásatrú.*

SANMARK, Alexandra. 2017. *Living on: ancestors and the soul.*

SERITH, Cesiwr. 2009. *The Pagan Family*.

TURVILLE-PETRE, Gabriel. 1964. *Myth and Religion of the North: The Religion of Ancient Scandinavia.*

ODINSSON, Sarenth. 2014. *The Landvaettir.*

INGUING, Wōdgār. 2016*. *Web Page of Larhus Fyrnsida*.

* ano de consulta das fontes citadas.

Veja mais em asatrueliberdade.com